—ERNÖ VADAS

«JÁ PASSOU O INVERNO... JÁ CANTAM AS ROLAS»

PREÇO AVULSO 1$00
BOLETIM MENSAL
ASSINATURA AO ANO 12$00

N.º 48

ABRIL 1943

Sumário

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL
MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA
Direcção, Admininistração e Propriedade do Comissariado Nacional da M. P. F. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

PRIMAVERA — foto JOÃO MARTINS

"...CUBRA-ME!..."

Madame Elisabeth — Quadro de M.me Vigée-Lebrun

«Madame Elisabeth» — é o titulo de um livro, e é assim que tôda a história ficou chamando à irmã de Luís XVI, que foi guilhotinada no Terror.

O P.e Sambucy, que foi quem lhe assistiu à morte, deu lhe o nome de «um anjo que morreu na guilhotina».

Vai-se contar aqui um episódio dessa morte linda, lindamente heróica.

Chegada ao cimo do cadafalso, no momento em que o carrasco a amarrava à prancha, o vestido rasgou-se-lhe e ficou um pouco descomposta. O carrasco agarrou no pano rasgado e atirou-o para longe.

* * *

— Em nome do pudor, cubra-me..., *pediu M.me Elisabeth.*

Depois de ter hesitado um momento, o carrasco voltou a buscar a faixa do vestido.

E a história conta que, depois de a cabeça lhe ter rolado no cêpo, um doce perfume de rosas se espalhou no espaço...

«Em nome do pudor...»

Devia ser uma legenda a afixar aí por tôda a parte.

E as raparigas portuguesas não deviam ter abdicado com tanta facilidade da sua nobreza feminina e «em nome do pudor» deveriam fazer a cruzada do respeito à mulher — coisa que vai ficando mais e mais esquecida.

«Em nome do pudor», *deviam elas próprias respeitar-se a si mesmas, não se desleixando, não se «descobrindo» nesses à-vontades que arrepiam já os menos exigentes.*

— Sentimento de pudor...

— Consciência do pudor...

— Delicadezas do pudor...

— Dignidade e grandeza do pudor...

Quando a rapariga te renega ou te esquece — é logo a sua diminuição, o seu aviltamento — e quàsi sempre a sua desgraça.

E o despudor campeia cada vez mais por êsse mundo fóra — e, tantas vezes, querendo-o ou não, são as que se supõem melhores, ou as que mais o deviam combater, que se convertem em suas apóstolas...

Uma das grandes chagas modernas é essa falta de brio e consciência — e a mulher não se aperceber já do que lhe traz tanta traição e tanta cobardia...

* * *

Heròicamente puras e castas — até à morte!

Pensar que vale mais que a vida a dignidade feminina — essa aureola oiro e luz que é a graça feminina do pudor.

Viver e morrer vestidas de nobreza, sempre nobremente castas.

Olhos castos... palavras brancas de castidade... faces puras... atitudes aprumadas...

... sempre direitas...

... o coração e a alma sempre direitas...

... em paz, na graça do Senhor.

Quando assim é, até os carrascos respeitam...

Poder e vitória do pudor!

Poder e vitória da pureza!

G. A.

CANCIONEIRO DA PRIMAVERA

Ainda não está, infelizmente, publicado o Cancioneiro que, desde a época medieval até hoje, nos possa oferecer um conjunto de admiráveis composições sôbre a primavera.

Como breve exemplo, e porque me foi pedido, vou confiar à admiração de quem nos lê alguns formosos trechos de dois grandes poetas leirienses, em que a primavera é dignamente celebrada: — Francisco Rodrigues Lôbo, o notável seiscentista, legítimo herdeiro do lirismo de Camões e de Bernardim, e A. X. Rodrigues Cordeiro, um dos mais queridos e populares poetas ultra-românticos, que mestre Castilho distinguiu com a sua fraternal amisade e consideração muito especial.

As seguintes sextilhas de Rodrigues Lôbo, — formoso cântico em louvor da Natureza —, pela excelência da arquitectura, pelo delicioso travo do seu bucolismo, e ainda pela puríssima estrutura da linguagem, bem merecem ser conhecidas e admiradas:

Já nasce o belo dia,
Princípio do Verão formoso e brando,
Que com nova alegria
Estão denunciando
As aves namoradas,
Dos floridos raminhos penduradas.

Já abre a bela Aurora
Com nova luz as portas do Oriente,
E mostra a linda Flora
O prado mais contente,
Vestido de boninas
Aljofradas de gotas cristalinas.

. . . .

De reluzente areia
Se mostra mais formosa a rica praia,
Cuja riba se arreia
Do álamo e da faia,
Do freixo e do salgueiro,
Do ulmo, da aveleira e do loureiro.

Já com rumor profundo
Não soa o Liz nos montes seus vizinhos,
Antes no claro fundo
Mostra os alvos seixinhos,
E os peixes, que nas veias
Deixam tremendo a sombra nas areias.

. . . .

Já nas largas campinas
E nas verdes descidas dos outeiros,
Ao som das sanfoninas
Cantam os ovelheiros,
Enquanto os gados pascem
As mimosas ervinhas, que renascem.

Diana mais formosa
Sem ventos sôbre as águas aparece,
E faz que a noite irosa
Tão clara resplandece
À vista das estrêlas,
Que se envergonha o Sol de inveja delas.

Algumas das delicadíssimas estâncias de A. X. Rodrigues Cordeiro, de amor à primavera, que vamos transcrever, revelam a *sinceridade* que todos os poetas daquele tempo serviram devotamente, não esquecendo talvez as belas palavras do eloqüente conceito de Garrett: — Isto pensava, isto escrevo, isto tinha na alma, isto vai no papel, que doutro modo não sei escrever.

Porque amo a Primavera? É porque as nuvens
Nesses campos do céu tornadas sêda,
Sem meditar procelas, folgam, brincam
Das auras ao capricho? E' porque as aves
Dizem seu canto novo às balsas verdes?
Será porque a esmeralda das campinas
De mil côres se esmalta e, tôda límpida,
A etérea luz sem véu se ri nas terras?

Não é não!... que muitas vezes
Do inverno as chuvas geladas
No peito me arrefeciam
Minhas penas abrasadas.

. . . .

Quero bem à primavera,
Porque a infância me retrata;
E uma saüdade de infância
É sempre uma pena grata.

Quero bem à primavera,
Como o quero ao sol nascente;
Porque é sol que inda não queima,
É sol risonho e inocente.

Amo emfim a primavera
Como a tudo quanto acorda
Dentro d'alma êste sonhar
Em dias que já lá vão;
Como tudo o que recorda
Os dias do meu folgar,
Folgar do meu coração,
Que mais não pode voltar!...

. . . .

Esta quadra do ano que na *ocidental praia lusitana* goza de privilégios sem rival, traz-me constantes, gratas e saüdosas recordações do adorável ambiente da minha terra-berço, do encanto sem fim de tôda a sua paisagem, não esquecendo a grandiosa floresta marítima — o *Pinhal do Rei* —, e da celebração das tradicionais festas da Semana Santa e Páscoa florida, quási sempre coincidindo com os mais esplendorosos dias da época primaveril.

Os versos seguintes transportam-me à deliciosa primavera de há quarenta anos, à primavera da minha própria vida, e só a memória do meu coração os traz, generosamente, à comovida lembrança:

Tempo de mágoa e dor e de incerteza,
na Igreja, em nós, na própria Natureza.

Ao longe, cada pôr-de-sol exangue
lembra um sudário tinto a oiro e sangue.

Soluça o vento em matagais daninhos,
e há vozes tristes no cantar dos ninhos.

Semana Santa! E fica assim a gente
lembrando e relembrando tristemente,

de olhos fitos no céu, de olhos na cruz,
a imagem sacrossanta de Jesus.

Imagem que nos traz sempre à lembrança
nossos tempos doirados de criança.

Imagem que traz ainda à nossa dor
bênçãos de luz e lágrimas de amor,

Imagem donde o mundo agora espera
a Aleluia de nova Primavera!

A. L. de C.

(Foto Martinez Pozal)

PASCOA

FESTA NAS ALMAS E NOS LARES

O mistério pascal pode resumir-se em poucas palavras: Cristo, o Cordeiro de Deus, foi imolado para com a sua morte vencer a morte e com a sua Ressurreição nos dar a vida.

A Páscoa, não é, pois, apenas um acontecimento da vida de Cristo; será também um acontecimento da nossa própria vida, se se realizar em nós o que a palavra «Páscoa» significa: a passagem do Senhor, que nos dá sua graça e com Êle nos leva, se quizermos segui-lO, até ao céu.

A Páscoa de Cristo é o drama do Calvário e são as Aleluias da Ressurreição; são as trevas de 6.ª feira santa mas é também a luz a alegrar o mundo na mais esplendorosa esperança.

As santas mulheres. A caminho do sepulcro na manhã da Ressurreição

A nossa Páscoa deve ser o prolongamento da Páscoa de Cristo.

Cristo morreu pelos nossos pecados; devemos morrer nós também ao pecado, isto é, deixar de praticar o mal.

Cristo ressuscitou para que com Êle ressuscitássemos; recebemos o dom divino duma vida nova. Vivamos santamente.

A alegria pascal é feita de pureza a esperança.

Pureza do coração, que busca as coisas do alto; esperança divina de nos sentarmos um dia com Cristo à direita de Deus.

Se não nos despojarmos dos nossos defeitos e não procurarmos viver com mais sinceridade a nossa fé, a nossa Páscoa não será ressurreição para uma «vida em Deus» — não será Páscoa!

E então, embora os sinos toquem nas tôrres das igrejas e os lilazes floresçam nos jardins, a nossa alma não participará da festa que alegra o céu e a terra.

A St.ª Igreja chama à Páscoa, a «solenidade das solenidades». E' a maior festa cristã. Procuremos vivê-la de modo que a nossa alma cante a aleluia.

A aleluia é um canto de alegria que a terra aprendeu no céu.

Mas as grandes festas cristãs não devem ser apenas festas de igreja; se a alegria está na nossa alma, devemos levá-la comnosco para tôda a parte, devemos, sobretudo, encher com ela o nosso lar.

Onde se realiza a visita pascal, que seja êsse o momento culminante da nossa alegria.

Que a nossa casa tome um ar festivo: é o Senhor que passa... Bemvindo seja o Senhor!

Flores, luzes, amêndoas... Sorrisos nos lábios, lágrimas de comoção nos olhos... Ternura, alegria... Boas festas! Boas festas!

Não, não existe nada que se compare a um domingo de Páscoa na aldeia. Recordo... De manhãzinha, a procissão: «Diz-me, ó Maria, o que viste no caminho? Vi a glória de Cristo ressuscitado!»

A nossa alma, em graça, está florida como as árvores que a primavera floresce...

Nas cidades, falta à Páscoa o encanto dêstes costumes, mas é mais um motivo para a festejarmos dentro do nosso próprio lar.

Guardemos a tradição que faz dos ovos um símbolo pascal e em domingo de Páscoa enfeitemos a nossa mesa com ovos, que poderão ser pintados ou deixados ao natural.

Ou, se preferirmos, podemos substituir os ovos verdadeiros por ovos fingidos, ovos-amêndoas donde saiem pequeninos pintainhos amarelos, ou ovos de chocolate, garridamente enfeitados com laços de fita.

Poderemos, por exemplo, arranjar um grande ôvo surprêsa, embrulhado em vistoso papel e ornado com flores, para o centro da mesa, e, em volta, colocar ovos cozidos a fazerem-lhe coroa (Fig. 1).

Ou ainda servirmo-nos das cascas como se fôssem jarras para flores (Fig. 2), entremeando entre as flores ovos pintados e colocando também sôbre os pratos um ôvo cozido para cada pessoa. (Fig. 3).

Ou então poderemos arranjar um centro de mesa com ovos pintados, suspensos por fitas sôbre uma base de flores.

Ou qualquer outra idéia, segundo a nossa imaginação. O que é necessário é que o domingo de Páscoa tome na nossa casa um ar festivo e carinhoso: que não seja um dia como qualquer outro, mas um dia em que tudo concorra para que as almas louvem ao Senhor: «por êste dia que Êle fez para nossa alegria!»

Lembremo-nos também dos nossos amigos. Uma visita de boas-festas ou umas palavras afectuosas pelo correio dão sempre prazer.

A festa é de todos — porque é de Deus — e aqueles que participam dos mesmos mistérios divinos devem viver unidos como se possuissem um só coração.

Se tivermos afilhados, lembremo-nos também dêles, dum modo especial: é uma linda tradição cristã.

Preparemos o seu folar. Qualquer pequenina lembrança que lhes faça sentir que para o nosso coração de madrinhas êles são um pouco filhos.

Boas festas! Boas festas!

Desejemo-las aos amigos, conhecidos e até aos estranhos.

Que a paz de Cristo seja o quinhão de todos na alegria da Ressurreição!

MARIA JOANA MENDES LEAL

UM PINTOR DA MULHER

UM dos primeiros retratistas modernos, retratista sem par na nossa terra, Eduardo Malta, vê na mulher o mais belo tema da criação. A mulher inspirou a êste artista os seus melhores quadros, que são ao mesmo tempo cheios de verdade e poesia.

Para pintar a mulher não basta possuir talento e conhecer o segrêdo dos pincéis, por vezes caprichosos: é preciso ter alma, amar a beleza, debruçar-se apaixonadamente sôbre a graça feminina. Quando Rafael Sanzio pintou a Fornarina, fê-lo num arroubo de paixão, com a alma iluminada e sequiosa, com o espírito possesso da sua formosura. Eduardo Malta, que considera Rafael o maior de todos, enternece-se como êle ante a beleza feminil, sente-a, prescruta-a, cativa-a. Não vê na mulher uma deusa inacessível, uma forma descarnada e ideal, mas uma flor viva, cheia de fragilidade, palpitante de seivas, cujo perfume se vai evaporar. E, em suas telas, êle faz o bruxedo de parar o tempo, para que essa flor não murche.

* * *

Durante largos anos, Eduardo Malta retratou de preferência as mulheres elegantes que os acasos do nascimento ou da beleza coroaram e cuja graça aristocrática floresce numa atmosfera de luxo discreto. Mas hoje o artista não se interessa apenas por aquelas que vivem em palácios e se vestem de sêdas e de lhamas. Êle retrata também por sua vez a mulher do povo, presa à terra ou ao mar pela raiz da alma, companheira do sol e dos pássaros, mais próxima da natureza e seu fruto jocundo.

Em qual destas duas modalidades terá o artista feito obras mais belas? Que difícil responder!

Olhemos, por exemplo, o retrato de Sua Alteza Imperial a Princesa Elisabeth de Orleães e Bragança, rainha sem coroa, que, todavia, tem um trono em muitos corações brasileiros: nessa nobre imagem se reflectem a graça, a lhaneza, a magestade naturais duma das mais velhas estirpes realengas do Ocidente. A-par dêle, como não nos encantarmos com a beleza rústica de «A leiteirinha», filha do povo, despida de artifícios, mas cheia do frescor e do aroma do torrão? Também o quadro «Nazarenas» nos mostra duas figuras enternecedoras dessa Praia da Nazaré, terra de pescadores, varrida pelos ventos salgados da beira-mar: uma delas, a mais triste e mais delgada, é a Maria Otília, modêlo favorito que Eduardo Malta tantas vezes pintou já, outrora plena de viço e de juventude, solteirinha e louçã, com seu chapelinho e seu negro manto, hoje casada e com filhos, ainda formosa, de pele fina e macerada, os olhos mansos sofredores, a fronte ensombrada em que o tempo já lavrou ligeiros sulcos — e, a seu lado, a irmã mais nova, de olhos negros de veludo, cheios de sonhos, de ilusões primaveris...

A leitarinha ou as Nazarenas de Eduardo Malta, se as vissemos na rua, talvez nem nelas reparássemos... Mas aqui, na interpretação maravilhosa do artista, elas ganharam em profundeza, em graça, em luz, em humanidade. É que Malta, com sua aguda intuïção, com seu sexto sentido de beleza, viu e descobriu o que os olhos profanos não conseguem alcançar. Eis o milagre do artista! E as suas telas prendem-nos, encantam-nos, deslumbram-nos, porque nós vemos através dos seus olhos privilegiados, porque descobrimos assim, por nossa vez, mil aspectos imprevistos e apaixonantes da realidade esquiva...

Fernando de Pamplona

A leiteirinha

Retrato de S. A. R. a Princesa Elisabeth de Orleães e Bragança

Nazarenas

NOTÍCIAS DA M. P. F.

ESPINHO

Escola Primária de Faiões — Chaves — Algumas filiadas do Centro n.º 4

6 de Novembro de 1942 — *Criação dos Centros n.ºs 4 e 5.*

1 de Dezembro de 1942 — *Missa mandada celebrar pela Sub-Delegacia. Benção da bandeira do Centro n.º 1. Sessão solene para a imposição das insígnias às chefes de Quina no Centro n.º 1.*

8 de Dezembro de 1942 — *Missa mandada celebrar pela Sub-Delegacia. Exposição e entrega de três berços com respectivos enxovais e 21 peças de roupa, confeccionadas pelas filiadas do Centro n.º 1 e 5.*

23 de Maio de 1942 — *Enviados ao Comissariado Nacional, 4 trabalhos para figurarem na Exposição da Sociedade de Belas Artes.*

Funcionou durante êste ano lectivo, um curso de chefes de Castelo, tendo sido admitidas a exame 8 filiadas, que prestaram provas no Porto.

A Sub-Delegada Regional

Branca Maria de Carvalho

V Semana da Mãi — Berços e enxovais que foram distribuidos às mães pobres

PÓVOA DE VARZIM

1.º — Nos principios de Outubro de 1941 principiaram oficialmente as actividades da M. P. F. nesta Ala. No Colégio do S. Coração de Jesus e centro Extra-escolar, dirigindo algumas palavras às filiadas, procurei mostrar-lhes os deveres que lhes impõe a nossa Organização e por tôdas fui escutada com atenção e visível vontade de bem servir. No Liceu estiveram presentes o Dig.mo Reitor e o Rev. Dr. Pires Moreira, assistente da M. P., que tiveram palavras cheias de bondade para as raparigas, a quem também falei sôbre os seus deveres, como já o tinha feito nos restantes centros.

2.º — No mesmo mês oferecemos um passeio de confraternização aos centros 1, 2 e 3 para que tôdas as filiadas se sentissem iguais dentro da Organização e assim desaparecessem certos sinais de rivalidade injustificada contrária ao espírito de ordem e camaradagem que deve existir entre as filiadas.

3.º — No dia 1 de Dezembro assistimos a uma missa cantada pelas filiadas. Como em tôdas as Escolas houvesse sessões solenes nada mais fizemos.

4.º — Em 8 de Dezembro houve missa rezada, assistida por tôdas as filiadas na qual receberam o sacramento da Comunhão, preparando-se dêste modo para a grande festividade que é de costume aqui realizar-se, em honra da Imaculada Conceição, junto da qual fizeram a sua consagração com fervor e devoção. A' nossa volta estavam muitas Senhoras e povo emocionadas.

5.º — Depois de recebido o berço que foi exposto em Lisboa, tivemos aqui a nossa exposição de berços e roupas durante alguns dias, que foi muito admirada por todos. Em seguida distribuímos 3 berços com os seus enxovais, sendo também baptisadas as 3 criancinhas a quem serviram de madrinhas as filiadas. Tivemos também a distribuição de roupas pelos pobrezinhos, festa que teve lugar na Sede da M. P. F., onde o Rev.mo Arcipreste disse palavras tocantes e comovedoras às filiadas e às mãis.

6.º — No dia 1 de Maio proporcionámos um passeio às escolas primárias, até junto da capelinha de Santa Catarina, em Vila do Conde, onde lancharam. Era encantador ver cêrca de 500 crianças cheias do maior contentamento.

7.º — A 11 de Maio um grupo de filiadas que acompanhei esteve também em Fátima, juntamente com a Ala do Porto, tendo tomado parte em várias cerimónias. Sua Ex.a Rv.ma o Senhor Arcebispo Primaz dignou-se celebrar missa e ministrar a Sagrada Comunhão ao nosso grupo. Pela tarde veio Sua Ex.a Rev.ma até junto de nós e conversou muito paternalmente com as raparigas.

8.º — Em 30 de Maio organizámos duas sessões de cinema, a que assistiram, à matinée, as escolas primárias femininas e masculinas da vila. A sessão da noite foi muito freqüentada e nela se viram muitas senhoras que assim mostraram a sua simpatia pela M. P. F. Esta festa deu-nos o produto de 1.600$00.

9.º — No dia 6 de Junho obtivemos a aprovação de 3 centros nas escolas primárias. É consolador e agradável confessar o entusiasmo e dedicação com que as Dig.mas Professoras acolheram esta boa notícia pondo a sua melhor vontade ao serviço da Organização. E assim poderemos concluir que os melhores resultados se obtiveram na preparação das juventudes, quer modificando ou ordenando os seus sentimentos irreflectidos, quer imprimindo ao seu carácter os princípios da ordem, dignidade, brio e respeito que devem ser observados pela mulher do futuro.

A Sub-Delegada Adjunta

Maria Helena de Bourbon P. M. Couto

Povoa de Varzim — Desfile da M. P. F.

Subsídios concedidos

1.º) — O Senhor Governador Civil de Vila Real concedeu àquela Sub-Delegacia o subsídio de 500$00 escudos;

2.º) — O Senhor Governador Civil de Bragança ofereceu ao Centro n.º 4 da Ala 3 o donativo de 100$00 escudos;

3.º) — O Ex.mo Presidente da Câmara de Vila Real concedeu àquela Sub-Delegacia o subsídio de 1.000$00 escudos para o ano decorrente;

4.º) — O Senhor Dr. Álvaro Trigo de Abreu, Presidente da Direcção da Casa do Douro, ofereceu à Divisão de Trás-os-Montes a quantia de 2.000$00 escudos;

5.º) — O Ex.mo Presidente da Câmara Municipal de Portimão concedeu à M. P. F. daquela região o subsídio anual de 4.000$00 escudos;

6.º) — O Senhor Carlos de Oliveira Freitas Lima, Capitão do Porto de Portimão e Presidente da Casa dos Pescadores oferece o subsídio de 50$00 escudos ao Centro n.º 3 daquela Sub-Delegacia;

7.º) — Junta da Província do Minho, 300$00 ao Centro n.º 2 de Viana do Castelo, Liceu Gonçalo Velho;

8.º) — O Ex.mo Presidente da Junta da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro, Dr. Joaquim Almeida da Costa, concedeu à Delegacia de Trás-os-Montes o subsídio de 2.000$00 escudos.

Os nossos melhores agradecimentos.

LOCALIDADES	Berços com respectivos enxovais	Peças soltas	Enxovais completos
Minho	7	415	—
Trás-os-Montes e A. Douro	8	143	2
Douro Litoral	41	437	—
Beira Litoral	20	197	1
Beira Alta	5	—	—
Beira Baixa	1	75	50
Ribatejo	1	55	—
Estremadura	55	397	20
Alto Alentejo	—	—	2
Baixo Alentejo	12	60	—
Algarve	12	175	25
Total	161	1.954	100

Quadro de Ary Scheffer

GRANDES CORAÇÕES

A MÃE

CORAÇÕES de mulher, manancial inexgotável dos mais puros, mais dedicados, mais constantes afectos! Corações de Santas, escrínio precioso, onde brilham ainda com maior fulgor êsses afectos sublimados pela renúncia e pelo amor de Deus, no qual cabem tôdas as castas afeições!

As santas são mulheres, sem os defeitos do nosso sexo, mas com tôdas as suas qualidades.

Hoje vamos falar do maior dos amores, do amor de Mãe, aureolado pela santidade duma mulher: Santa Mónica.

Queremos aqui apenas focar o seu amor materno, não as suas virtudes; apesar de nelas o terrestre e o sobrenatural estarem unidos em tôda a sua vida.

Contemplemos êsse quadro tão conhecido e tão admirado de Ary Scheffer: St.º Agostinho e St.ª Mónica.

Aquela noite transparente e diáfana do céu de Itália, noite recamada das mais lindas estrelas, alumia dois entes sentados a uma janela, largamente aberta. Uma mulher e um homem olham para o céu e os seus olhares parecem prescrutar além do firmamento, vendo coisas que o comum não descortina.

A mulher é Mónica, o homem, seu filho, Agostinho. Neste homem, tisnado pelo sol de Africa, o rosto apresenta traços de lutas da inteligência e do coração, e os seus olhos têm lampejos de génio, daquele génio que o fará contar entre os espíritos mais profundos da humanidade. Está no pleno apogeu da idade viril. Ela já se encontra no limiar da velhice; os traços da fisionomia são mais suaves, e nos olhos que devem ter chorado muito, brilha agora uma paz divinal.

Entre as mãos maternas, aperta a do filho, que nem no êxtase pode esquecer. O seu Agostinho guarda-o sempre no coração de mãe, nesse coração que durante longos e longos anos só viveu para salvar o filho.

«Filho de tantas lágrimas nunca poderá perecer» foram as palavras proféticas que S. Ambrósio um dia dirigira a S. Mónica. E o vaticínio realizou-se.

Mas para isso a luta foi heróica; qual leoa a quem querem roubar o filho, Mónica defendeu sem tréguas Agostinho contra a heresia, contra a libertinagem que lho queriam arrancar dos braços de mãe cristã! Não, ela não iria para o céu sem levar também o filho do seu amor. E para isso empregaria tudo: orações, lágrimas, penitências, subiriam até ao trono de Deus, a Quem ela ia dar um Santo, santo que devemos ao seu amor maternal!

E como mulher sensata e inteligente não desprezou os meios humanos; lançou mão de tudo: carícias, censuras, severidade mesmo, nada deixou de empregar. Quando Agostinho largou Cartago e foi para a Itália, abandonou pátria e casa para o seguir; instruída e culta, podia discutir com o filho e amigos, as mais árduas questões de filosofia.

Mas chegou a hora da suprema alegria para St.ª Mónica. Nessa noite de Ostia, que nos descreve a pena fulgurante de St.º Agostinho, e que 15 séculos depois será reproduzido com singular beleza pelo pincel de Ary Scheffer, os corações da mãe e do filho batiam em unísono, e se a dôr não conseguira abater o coração varonil de St.ª Mónica, a felicidade faria parar êsse mesmo coração ardente.

Poucos dias depois, uma doença mortal desenvolvia-se ràpidamente e arrebatava à terra uma alma de eleição, modêlo das mães que ao seu poderoso patrocínio confiaram os filhos, corôa das mães cristãs.

Amor das nossas mães, amor que nenhum eguala em fôrça, em desinterêsse, amor que sorri e chora, que embala e ensina, que depois de nos ter dado a vida do corpo, nos dá anos seguidos a vida da inteligência, do coração, da fé, êste amor de mãe era bem justo que uma santa o reproduzisse com tôda a perfeição, aureolado pela luz única e venerável da santidade. Pela pena do grande S. Agostinho conhecemos St.ª Mónica, espelho das mães cristãs.

Mãe! nome que foi o primeiro que balbuciámos, será o último por quem chamaremos, nome bemdito que o grande Doutor da Igreja imortalizou, nas suas Confissões, livro dum génio e dum santo!

V. P.

COM as crescentes restrições no consumo de combustíveis, torna-se necessário recorrer a processos eficientes que permitam poupar.

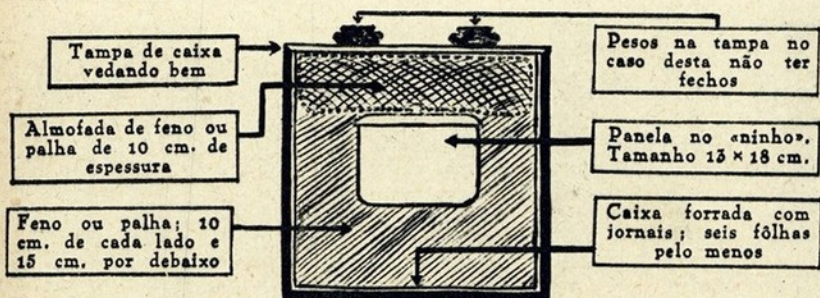
A caixa de feno e o método de cozinhar que lhe está ligado, representa uma grande economia de dinheiro, de combustível e até de comida.

Nos países em guerra êste utensílio tão simples vai tendo cada vez mais sucesso e até na Grã-Bretanha existe uma instituïção para tratar especialmente do assunto.

Com efeito êste processo de cozinhar representa uma economia importante em comida. Muitos alimentos que normalmente são difíceis de cosinhar podem assim ser preparadas com grande simplicidade. Pelos métodos usuais perdem parte do seu valor nutritivo. Procura-se cozinhar muito depressa, o que representa muitas vezes desperdício por ficarem as comidas queimadas. Por outro lado chegou-se à conclusão que a economia em combustível pode atingir um terço ou mesmo metade do consumo usual. As objecções que se podem levantar não têm razão de ser.

Claro que ao princípio assusta a ideia de ter de deixar a comida no caixote duas, três ou mesmo oito horas. Na verdade trata-se apenas de desenvolver o espírito de previsão. Enquanto dormimos a caixa de feno está trabalhando por nós e cozinhando o almôço sem necessidade de qualquer vigilância. Assim temos economia de tempo e de trabalho. É como se tivessemos ao nosso serviço uma boa e diligente creada. Poupa-se o tempo que normalmente se gasta a mexer ou a vigiar as panelas que estão ao lume. Quando se trata de as lavar, a tarefa é também mais simples, visto que com êste processo de cozinhar nada se esturra e pouco se enfarrusca.

Maneira de preparar o caixote

A primeira coisa é obter um bom caixote de madeira. Convém que êste caixote seja o mais forte possível e que tenha uma tampa bem ajustada. Se o caixote não tiver tampa, como em geral sucede, deve-se mandar fazer uma e fixá-la por meio de dobradiças. Podendo colocar-lhe um fecho melhor será. Quanto ao tamanho do caixote depende do utensílio de cozinha que se queira usar. Não é de aconselhar uma panela ou caçarola muito pequenas. Para se calcular bem o tamanho basta medir a largura e altura do utensílio e acrescentar 30 centímetros à largura e 24 à altura para se obterem as medidas convenientes. Assim, para uma panela com 15 cm. de altura e 21 de largura deve-se utilisar uma caixa de 0,m45 x 0,m45 x 0,45. Seria até preferível que fôsse um pouco maior, pois temos que contar com 18 cm. de espessura de feno ou palha por baixo da panela e uma almofada de 12 cm. colocada sôbre a tampa. Nada impede de se construírem caixotes com duas divisões. Nestas condições podia-se reduzir um pouco a espessura da palha ou feno. É evidente que êstes calculos não são difíceis.

Resta preparar o caixote. Convém escolhê-lo com tábuas bem juntas. O interior deve ser forrado com jornais, usando-se cola feita com farinha e àgua, bem fervida. Pretende-se com isto evitar a entrada do ar e perda de calor e como o papel de jornal é mau condutor de calor é possível reduzir a quantidade de palha necessária aumentando-se o número de camadas de papel. São necessárias pelo menos seis e seria muito conveniente que a última camada fôsse de papel de embrulho, por ser muito resistente. Em seguida é preciso preparar uma almofada cheia de feno ou palha. Tem que ficar bem ajustada ao tamanho da caixa. Se a tampa não tiver fecho tem que levar um pêso em cima para fechar hermèticamente. Exteriormente a caixa pode ser pintada duma côr que fique bem no ambiente da cozinha.

Resta agora encher a caixa com palha. O feno ou palha compra-se em qualquer celeiro. Deve ser bem calcado. Forma-se uma espécie de ninho onde se coloca a panela. Deve-se fazer êste ensaio primeiro com água quente e deixar a caixa fechada um tempito; quando se abrir está pronta a recolher comida. Os utensílios a usar devem ter tampas bem ajustadas e se forem de alumínio, tanto melhor. É da maior conveniência usar sempre as mesmas panelas por já terem os «ninhos» ao seu tamanho. Só se devem colocar as coisas no caixote quando estiverem a ferver «bem» e não perdendo tempo na operação, por isso deve o caixote estar mesmo ao lado do fogão.

Tampa de caixa vedando bem

Almofada de feno ou palha de 10 cm. de espessura

Feno ou palha; 10 cm. de cada lado e 15 cm. por debaixo

Pesos na tampa no caso desta não ter fechos

Panela no «ninho». Tamanho 13 × 18 cm.

Caixa forrada com jornais; seis fôlhas pelo menos

A caixa figurada mede 38 + 38 cm. Podem fazer-se caixas maiores. A panela deverá ser de tamanho médio, não menos de meio litro. A quantidade de feno à roda da panela e a almofada podem ser maiores que as figuradas, mas não menos.

Tabela do tempo necessário para cozinhar vários alimentos (1)

	Minutos ao lume	Horas na caixa
Couves	20 min. (a ferver)	*2 horas*
Cenouras	*20 min.*	*3 horas*
Couve-flor	*5 min.*	*2 horas*
Frutas secas...	*5 min.*	*5 a 6 horas*
Macarrão	*10 min.*	*3 a 4 horas*
Flocos de aveia.	*levar a ebulição*	*durante a noite*
Ervilhas verdes	» » »	*3 horas*
» *secas* .	*45 min.*	*7 a 8 horas*
Batatas novas ..	*1 min.*	*2,30 horas*
» *velhas* .	*2 min.*	*3 horas*
Arroz	*1 min.*	*4 horas*
Tapioca	*10 min.*	*3 a 4 horas*
Nabos	*5 min.*	*2 horas*
Peixe	*10 min.*	*2,30 horas*
Carneiro......	*60 min.*	*4 horas*
Galinha	*60 min.*	*4 a 7 horas*
Coelho	*60 min.*	*durante a noite*
Vitela	metade do normal	*4 horas*
Vaca	» » »	*durante a noite*

Tudo deve ir a ferver em cachão. Se a almofada ficar húmida é porque a tampa da panela não véda.

Francisca de Assis

(1) A tabela que publicamos foi tirada dum livro publicado pelo «Institute of Haybox Cookery».

TRABALHOS DE MÃOS

Monogramas modernos

(A pedido dum Centro de Coimbra)

PAGINA DAS LUSITAS

Chegara o fim de Setembro; e breve iriam para Lisboa. Nunca Manuel João conseguira surpreender Clarinha a chorar ou a entregar-se a uma tristeza visível. Uma manhã, porém, inesperadamente, Manuel João foi para a capela muito cedo: palpitara-lhe que lá iria encontrar a prima. E, realmente, ajoelhada num canto, as duas mãos tapando a cara, Clarinha estava imóvel... Rezava? Chorava? Manuel João não podia perceber nada. Clarinha não dera pela sua entrada... E dali a momentos levantou-se e saiu da capela. Manuel João hesitou: segui-la-ia? Decidiu ficar; e avançando para o lugar que ela deixara encontrou sôbre a teia o seu livro de missa. Não resistiu a pegar-lhe; não seria a Providência que lhe indicava o que devia fazer? Saiu da capela com o livrinho guardado na algibeira.

Fechou-se no quarto e começou a percorrer o livro, esperando ver nele algum indício dos pensamentos da prima...

Manuel João ia fechar o livro, desconsolado por nada encontrar, quando, de entre as fôlhas, caiu uma pequena imagem da Virgem. E no verso da imagem, em letra um pouco tremida, leu frases sôltas, evidentemente escritas por Clarinha.

«Mário salva-me em troca...»

«Minha Nossa Senhora, aceita-me sim?»

«Prometo mudar o meu mau feitio êste ano».

«No inverno estou pronta para tudo; e com a minha vida terei salvo o meu irmão. Todos os dias pensarei!...»

Manuel João, impressionado e pensativo, guardou a imagem; e foi à capela pôr o livro onde o encontrara.

. . . .

Naquele inverno parecia que sôbre todos soprava um vento de boa disposição e de optimismo. Só Clarinha, que crescera imenso, perdera as belas côres que tanto encanto lhe davam! e o desprendimento com que aceitava todos os factos da sua vida, dava-lhe um ar alheio que preocupava seriamente a madrasta e a professora.

A CONDESSA — Olhe, D. Beatriz, estou resolvida a falar à Clarinha.

D. BEATRIZ *(hesitante)* — Talvez seja preferível a sr.ª condessa... por ora...

A CONDESSA — Não, não, D. Beatriz, isto agora tem de acabar. Fui pesá-la anteontem na botica e vi que perdeu 6 quilos em dois mêses! Estou cheia de cuidado e vou chamar o médico para a ver.

Mas Clarinha, entrando nessa ocasião, ouviu a frase da madrasta.

CLARINHA *(sorrindo)* — É para mim que a Mãe manda vir o médico? Que idéia, Mãe! Nada me doe nem estou doente.

A CONDESSA *(carinhosa)* — Senta-te, filha; temos que conversar.

CLARINHA *(rindo)* — Oh Mãe, parece um tribunal! Serei eu a *ré*?

A CONDESSA *(risonha)* — Talvez... Mas ré de qualquer escrúpulo, quem sabe? Tu é o que o dirás, filhinha.

D. BEATRIZ *(abraçando Clarinha)* — Pensa que só para teu bem aqui estamos, Clara: tanto a Mãe como eu queremos ver-te alegre, sã, despreocupada!

CLARINHA *(comovida)* — Mas eu...

A CONDESSA *(com interêsse)* — Que tens tu que te aflige, Clarinha?

(Clarinha chora e não responde).

D. BEATRIZ *(beijando-a)* — Anda, filha, explica-nos tudo; verás que ficas, depois, mais consolada...

(Clarinha abana a cabeça negativamente).

A CONDESSA *(triste)* — Tens um segrêdo, minha filha? E não mo queres dizer, Clara!

CLARINHA *(chorando)* — Não posso, não posso...

A CONDESSA *(admirada e inquieta)* — Não podes?!! É o temperamento tenaz do pai: uma fôrça de vontade inquebrável!

(Clarinha saiu, chorosa, depois de beijar as duas senhoras em silêncio).

D. BEATRIZ *(decidida)* — Sr.ª condessa o Manuel João, só, é que pode fazê-la desabafar: é para Clarinha o mais querido dos irmãos...

A CONDESSA *(admirada)* — O Manuel João?! Vou pedir-lhe para vir hoje cá passar a tarde.

E Manuel João veio nessa tarde. Não tinha mostrado a ninguém a imagem que encontrara no livro de Clarinha, nem a ninguém dissera o que nela estava escrito. Mas estava decidido a dizer-lhe tudo, esperando que Clarinha lhe abrisse o coração.

MANUEL JOÃO *(sentando-se ao pé dela)* — Gostas de mim como se eu fôsse teu irmão, Clara?

CLARINHA *(cosendo)* — Para que mo preguntas?!

MANUEL JOÃO — Então explica-me o que significam certas coisas que escreveste numa imagem que achei na capela...

CLARINHA *(contente)* — A minha Nossa Senhora que tinha perdido! Achaste-a, Manuel João? Dá-ma já, anda.

MANUEL JOÃO — Não ta dou sem que expliques o que escreveste.

CLARINHA *(grave)* — Não tens nada com isso: nem já me lembro...

MANUEL JOÃO *(pegando-lhe nas mãos)* — Lembras-te muito bem; não mintas, Clara.

CLARINHA *(desprendendo-se, zangada)* — A imagem é minha, os pensamentos são meus, eu *sou minha* ouviste?

MANUEL JOÃO *(triste)* — Está bem, Clara; eu também fico conhecendo a fraca medida da tua amizade de irmã...

CLARINHA *(chorando)* — Oh Manuel João não me apoquentes! Se tu soubesses o que sôfro com a idéia de deixar tudo, tudo...

MANUEL JOÃO *(espantado)* — Deixar tudo? Tudo o quê? O que vai suceder-te?

CLARINHA *(cobrindo a cara com as mãos)* — Não o queria dizer a ninguém, nem a ti...

MANUEL JOÃO *(destapando-lhe a cara)* — Diz, Clara: que disparate fizeste ou pensaste? Tens só 14 anos, a coisa deve ser uma destas criancices de arromba! O que foi?

CLARINHA *(escondendo a cara cheia de lágrimas)* — Não é criancice, nem disparate. *(com veemência)* — Se o meu irmão apareceu, fica sabendo, se o meu pobre Mário se salvou, e se a minha madrasta não morreu com o choque, foi porque...

MANUEL JOÃO *(espantado)* — Porque?...

CLARINHA *(com fôrça)* — Porque eu me lembrei duma coisa que li num livro: ofereci a Nossa Senhora a minha vida em troca da dêle! Prometi diante do altar, ouviste? que ia preparar-me todo o verão, deixando o mau génio, e que morria êste inverno. Agora estou à espera...

MANUEL JOÃO *(rindo a bom rir)* — ...Da morte que tu resolveste vir, marcadinha por ti a data certa, o dia, a hora, o local... Oh minha pobre Clara, sempre és muito patetinha!

(Manuel João levanta-se ainda a rir).

CLARINHA *(indignada)* — Patetinha? Pois foi aceite a minha oferta por Nossa Senhora, fica sabendo! E a maior prova foi o milagre da salvação do Mário, depois de 36 horas em cima do cedro! E a cura da minha madrasta.

MANUEL JOÃO *(fazendo-a sentar)* — Anda cá, e acalma o teu espírito! Ninguém nega o valor das tuas orações: foram sinceras e Nossa Senhora ouviu-as. Tu eras má para a tua madrasta, Clara, e tinhas remorsos, confessa.

CLARINHA *(de cabeça baixa)* — É verdade.

MANUEL JOÃO *(a sério)* — Nós não po-

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de Guida Ottolini

demos marcar a vida e a morte: é um absurdo: mas essa tua criancice teve *uma* vantagem, sabes? Caiste em ti, Clarinha, e viste, talvez, que eras injusta. E confessaste a algum padre essa idéia de ofereceres a vida e passares o tempo à espera da morte? *(ri).*

CLARINHA — O padre da aldeia não gostou da idéia; mas...

MANUEL JOÃO — Em boa hora encontrei a tal imagem! Agora é que entendo o que lá escreveste. Deixa-te de patetices. Vai já abraçar a Tia, a santa D. Beatriz, e toca a pôr-te sã e forte, para melhor agradeceres a Nossa Senhora os benefícios que te tem dado: isso é o que tens a fazer sem demora, ouviste?

CLARINHA *(abraçando o comovida)* — Vem comigo, Manuel João: sinto-me agora reviver, sabes? *(suspira fundo)* Tem sido um tal pesadêlo!

MANUEL JOÃO *(sério)* — Mas desde que tu ofereceste a tua vida, Clarinha, tens de estar sempre pronta para morrer de boa vontade, percebes? E enquanto não morres... *(ri)* saúde e alegria é o que se quer!

. . . .

A vida de Clarinha era agora bem feliz! Convencera-se da bondade da sua madrasta: e não estava longe de a considerar uma segunda mãe.

Também a educação de Mário era para ela um novo interêsse: e só ela o ajudava nas lições do liceu. Com que paciência lhe ensinava o francês, o inglês, princípios de alemão! E os anos iam passando, cheios de felicidade para o rancho nosso conhecido.

Manuel João, acabada a Escola de Guerra, fizera-se aviador, e devia breve partir num «raid» à Africa Oriental.

Numa linda tarde de Maio, mais uma vez se reuniram primos e primas no velho jardim de Alfama; e depois do chá conversavam animadamente.

CLARINHA — Sabem de quem tive uma engraçadíssima carta?

ANGÉLICA — Adivinhei: da Polly!

CLARINHA *(rindo)* — Tal qual, Angélica; e não calculam o que eu ri...

Clarinha, tirando do seu saco a carta de Polly, leu:

Escrevo-te da Africa, Clara dear; e observa como meu linguagem está perfeito! Viemos, Papa, Mamma e eu, no ar até Africa: viagem «marvellous»! E Papá ficar longo tempo: dirigir companhia inglêsa. Eu era quási casada com engenheiro inglêsa: mas no fim disse não; só quero casar com Neljohn *Com êle estou «in love»: não posso aceitar engenheiro inglêsa!*

TODOS *(gritando e rindo)* — Oh Manuel João! E você nunca disse nada! Fez «caixinha»! Parece impossível! O que responde a isto?!

MANUEL JOÃO *(tapando os ouvidos e rindo)* — Mas eu não sabia nada! Nada, o que se chama nada!

CLARINHA *(um pouco irónica)* — Mas vais à Africa, não vais?

MARIA AMÉLIA — Sabe-se agora a razão dêsse entusiasmo!

Clarinha continuando:

Mim ignorar se Neljóhn *gosta casar com inglêsa; mas não poder aceitar outra pessoa que não é* Neljohn*; isso não era «fair» como diz-se em Inglaterra. Se* Neljohn *não querer, eu ser* nurse *de hospitais e gostar imenso de ser* nurse. *Escreve, Clara dear, diz o que pensa* Neljohn, *sim? Tua prima*

Polly

MANUEL JOÃO *(sério)* — Dou-lhes a minha palavra de honra que nunca pensei em casar com a Polly, embora a ache um amor!

ZÉCA — Se você já lhe chama amor...

MANUEL JOÃO — Não posso casar... senão com *uma certa* de quem gosto: e só com ela casarei.

CLARINHA *(com lágrimas irreprimíveis nos olhos)* — E não dizes quem é essa menina?

MARIA AMÉLIA *(despeitada)* — As declarações de amor não se fazem em público, Clarinha!

ZÉCA — Nem os pedidos de casamento!

MANUEL JOÃO *(levantando-se)* — Tenho muita pena de as escandalizar, meninas, mas estou morto por fazer já, aqui mesmo, uma declaração e um pedido de casamento!

ANGÉLICA — Você está doido?!

MANUEL JOÃO *(calmo)* — Não estou. E como sou maior, ganho a minha vida e sei o que quero...

A CONDESSA *(chamando à porta da sala)* — Clara! Clarinha!

CLARINHA *(correndo)* Minha Mãe, vou já!

A CONDESSA *(aproximando-se)* — Não venhas, minha filha; sou eu que vou aí dar-te uma notícia engraçada. — E a condessa veio sentar-se no meio do grupo. — Imaginem que a nossa D. Beatriz que como sabem, tinha ido a França, acaba de casar com um banqueiro belga! Está felicíssima!

Foi um côro alegre de risos. Quando acalmaram a condessa voltou-se para Manuel João.

A CONDESSA — E tu quando partes, filho?

MANUEL JOÃO *(em pé, beijando a mão da tia)* — Minha Tia, dá licença que eu lhe faça uma fala... *(hesitando)* e um pedido?

A CONDESSA *(admirada)* — Mas com certeza, Manuel João.

MÁRIO *(batendo as palmas)* — Eu sei o que é! Eu sei o que é!

CLARINHA *(còrada)* — Cale-se, menino: o que pode o menino saber?

Mas Mário correu para ela e beijou-a com sofreguidão sem dizer mais nada.

MANUEL JOÃO *(comovido)* — Minha Tia, bem sabe que vou partir dentro de quinze dias, naturalmente.

A CONDESSA *(comovida)* — Já...

MANUEL JOÃO *(baixo)* — Sempre adorei a Clarinha: desde pequenina que pensei que havia de casar com ela... Deixa-me ficar noivo da Clarinha antes de partir?

CLARINHA *(côrada)* — Mas nada me preguntaste, Manuel João?!

ANGÉLICA *(beijando Clarinha)* — Quem não percebia que vocês foram feitos um para o outro?

MÁRIO *(atirando o boné ao ar)* — Vivam os noivos!

A CONDESSA *(risonha)* — Que posso eu responder que não seja um *sim* cheio de entusiasmo?

ZÉCA — Coitada da Polly!

E assim se firmou naquela tarde de Maio o noivado feliz de Clarinha e de Manuel João.

FIM

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

As duas abelhas mestras, do grupo das «abelhas» do curso do Sagrado Coração de Jesus, centro n.º 11, Lisboa

DOMINGO DE PASCOA

Quem não viveu já um Domingo de Páscoa numa dessas quási desconhecidas aldeias de Portugal, não pode fazer uma ideia de como são enternecedoras as cenas que aí se passam.

Depois da Missa, o Pároco, precedido de um garoto que vai tocando a campainha, leva o Senhor a todas as casas da povoação.

Em tôdas é recebido com igual respeito pelos senhores e criados, que, reünidos na melhor sala da casa, esperam ansiosamente a sua visita.

Os pequenitos, da janela, gritam para a família que num alvorôço acaba os últimos preparativos. O Senhor já vai a sair da casa da tia Chica!

O senhor Cura chega finalmente, e depois de dar a benção, todos se ajoelham em volta da mesa onde êle pousou a Cruz.

É, então, o momento mais comovente. A família, olhos postos na Cruz, que parece abençoá-la, pede as graças que necessita. Há lágrimas nos olhos dos mais velhos e enquanto que os pequenos se mostram radiantes.

Em seguida, o senhor Cura é convidado a provar e abençoar o folar.

Em tôdas as casas reina a alegria.

E no dia seguinte todos recomeçam a sua vida, mais felizes e confiantes no futuro, pois o Senhor foi abençoar mais uma vez o seu lar.

Maria Helena

O Poente na minha aldeia

O sol ia morrer... Tinha soado a hora do seu naufrágio nos Longes...

Entretanto, eu, presa de mil diferentes pensamentos, subia um exenso monte, em cujo cimo, imaculadamente branca, como em enamorado trage de noivado, se via uma pequena capelinha de aldeia.

Subi, subi sempre, e fui sentar-me, mais cansada de alma que pròpriamente de corpo, num degrau dum cruzeiro, à beira da ermidinha.

Ali me quedei a pensar...

Quantas, quantas vidas diferentes, alumia o sol com a sua luz... Sorri-lhe o lotus azul do Nilo... saudam-no as aves... as feras lhe rendem graças, e o homem, em Portugal e no mais selvagem país, lhe agradece o criador auxílio...

Foi já divindade de alguns... Ouviu rogos, escutou preces... Mas nada até hoje pareceu comovê-lo... Todos os dias vê mortos... Todos os dias a sua criadora luz toca em ulcerosas chagas da vida do homem... Mas todos os dias o vemos nascer, para todos os dias o olharmos a tombar, num ensanguentado golgota de luz, na tragédia eterna dos poentes...

O sol ia morrer... Soara a hora do seu naufrágio nos longes... Mas, ao pé da pequena ermidinha, apesar das tristezas da minha alma, como deixar de dizer: Bendito sejais, meu Deus, pois que, se deixais morrer o sol, vós o fareis de novo voltar a nós!

Carlota Alexandrina Salazar de Campos

Filiada n.º 15.498

A festa das "Abelhas"

Tinhamos combinado festejar o Natal das nossas pequeninas protegidas com um almoço.

Assim foi. No dia dos Santos Inocentes, às 9 horas da manhã, estávamos todas prontas para o trabalho.

Umas, foram para a cozinha fazer os piteus, outras, prepararam a mesa, outras ainda prepararam o presépio.

O grupo das cozinheiras foi o que trabalhou mais. Foi uma azáfama! A massa dos pastéis de bacalhau deu que pensar... mas no fim ficou muito apetitosa.

Também houve arroz dôce com canela e tudo.

Antes do almoço algumas de nós recitaram e todas cantámos. Depois fez-se uma pequena palestra sôbre o fim daquela festa — e sôbre o nascimento do Deus Menino.

Levámos as miúdas à Capela, onde rezámos a Avé Maria. Ficaram encantadas com o grande presépio que lá estava armado.

A seguir foi então o grande banquete. Portaram-se todas com muito juízo, e comeram sobretudo muito pão. Isto não quere dizer que os pitéus estivessem maus...

Findo o almoço, distribuiram-se vestidos de flanela, brinquedos e rebuçados que causaram alegria geral.

Acabou-se a festa.

Então, todas nós, como quem não quere a coisa, fomos à travessa dos pastéis e comemos um cada uma. Houve quem comesse mais de um, e essas comilonas tiveram que ouvir um bom discurso da chefe da cozinha. Foi um caso sério!...

do Curso do S. Coração de Jesus — Centro n.º 11

Uma filiada

DEUS

Deus criou o céu e a terra e quanto se contém no céu e na terra.

Fez tudo o que vemos e tudo o que não vemos, as coisas pequenas e grandes, o insecto que se arrasta por baixo da erva, o sol que resplandece no céu.

Vi êsse astro elevar-se cheio de brilho e magestade, derramando-nos a sua luz.

Na escuridão das noites vi o céu adornado de estrêlas tão numerosas, como os grãos de areia nas praias do mar.

Ouvi o brado dos ventos e o estampido da tormenta; feriram-me os ouvidos o ribombar do trovão.

Observei as marchas das estações. Na primavera notei que brotavam da terra os germens das plantas; que estas cresciam ao calor do estio; que o grão amadurecia na espiga, e o fruto desenvolvia-se na árvore; que no outono os frutos eram colhidos pela mão do homem, e enchiam-se os celeiros para abastecê-lo nos dias prolongados do inverno.

O sol e a luz refulgente, a noite com as estrêlas, a terra fecunda, as searas nos campos, as árvores com os seus pomos, tudo procede de Deus e por Deus existe.

Oh! meu Deus! quanto sois grande e bom nas obras do vosso poder!

Laurentina dos Santos Marujo Correia

Filiada n.º 22.372 — Centro n.º 7 - Ala n.º 1 — Faro